

Economia Brasil Montreal prevê 83 pior para o Brasil

Jorge Oliveira

Salvador — O presidente da Montreal — empresa de engenharia com capital totalmente nacional — Derek Lowell Parker, alertou para as “péssimas perspectivas econômicas do Brasil” para 1983, depois de considerar “difícil” a situação atual do país. Em sua opinião, “teremos que ir jogando com a dívida externa, administrando-a da melhor maneira possível, para não recorrer ao Fundo Monetário Internacional — FMI — ou renegociar a dívida, como fez o México”.

A solução é exportar, na tentativa de reduzir os graves problemas de caixa, segundo Parker. Mas para isso os países desenvolvidos têm que abrir mercado para nós, do contrário “teremos que enfrentar uma pia d’égua de uma concordata”. Os sintomas de um sombrio 1983 já são flagrantes na própria Montreal: mesmo estimando um faturamento de Cr\$ 45 bilhões, só com os serviços já contratados, a empresa deverá demitir 3 mil de seus 8 mil empregados espalhados em vários canteiros do país, especialmente Bahia e Rio.

Serviço em Angola

A Montreal fatura este ano, segundo seu presidente, entre Cr\$ 32 e Cr\$ 34 bilhões. Seu faturamento provém especialmente das encomendas da Petrobrás em serviço off-shore, com plataformas e seus equipamentos além de projeto e engenharia. O faturamento em 1983 deve aumentar, porque muitas das encomendas, unitariamente, terão preços mais altos. As demissões vão ocorrer porque haverá concentração de mão de obra especializada.

Parker, que esteve no canteiro de São Roque, Bahia, que para assistir ao lançamento ao mar de uma plataforma para o campo de Cherné II, na Bacia de Campos, encomendada pela Petrobrás por 90 milhões de dólares, anunciou que sua empresa ganhou uma concorrência de 30 milhões de dólares para fazer um terminal de petróleo em Angola.

Com a Montreal participaram mais seis empresas européias. Mas, na opinião de Parker, nem tudo é um mar de rosas, considerando que o Brasil tem grandes dificuldades para vender serviços para fora. Ele enumera algumas: o transporte, no caso de uma plataforma, é muito caro; há dificuldade para o fornecimento de material e os países subdesenvolvidos preferem fazer contrato tipo pacote, ou seja, vincular a compra de equipamentos a financiamentos.

E a solução?

— O quadro da economia brasileira não é dos mais brilhantes.

O país tem uma situação complicada pela frente. Todo mundo sabe disso. Na minha área por exemplo, a engenharia, o volume de contratos foi reduzido muito, mas assim mesmo os setores de lavra e produção de petróleo têm avançado, observa Lowell Parker.

Ele acha que se a Montreal fosse uma empresa pequena ou média já teria falido, porque tem faturas atrasadas para receber no valor de Cr\$ 6 bilhões, espalhadas pelos setores siderúrgico, de estradas, elétrico e afins: “o Governo, através do Ministro Delfim Neto, já prometeu que vai pagá-las dividindo-as em seis prestações a contar deste mês”.

— Com isso, de um modo geral, algumas empresas vão conseguir se salvar. Até porque a promessa do Governo é nos pagar com juros e correção monetária, informou Parker.

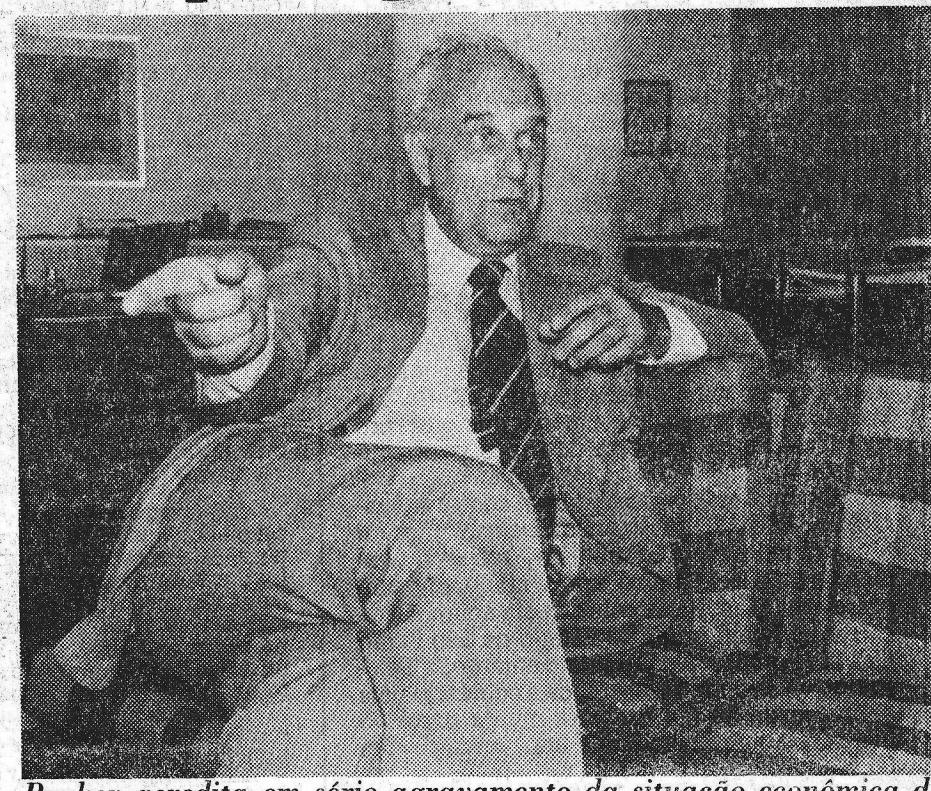
O presidente da Montreal, mesmo achando que “o momento é de extrema preocupação” disse que existe solução, pelo menos a nível empresarial, para enfrentar a crise, que ele prefere chamar de “contração da economia” à recessão. A principal delas está ‘no dimensionamento que as empresas têm que fazer para o tamanho do mercado brasileiro, simplificando, inclusive os seus métodos administrativos. Isso, logicamente, gera desemprego, mas temos que olhar a realidade para que as empresas se tornem viáveis’.

A Montreal, que já chegou a empregar entre 14 e 15 mil pessoas na década de 70, acha que no momento não há encomendas suficientes para manter o nível de emprego no próximo ano. Por isso, dos 8 mil empregados, 3 mil vão perder o emprego.

“Sobre imaginação”

Ao discordar da versão governamental de que algumas empresas são responsáveis pelo atraso nas faturas e o consequente endividamento do Governo por que muitas vezes aceitam as obras por preços baixos para reajustá-las depois, Parker acha que o Governo “minimiza muito o problema da inflação. O atraso de pagamento custa um caminhão de dinheiro. Isso é que o pessoal não entende. Não se pode partir do princípio que alguém faça uma concorrência sem ter dinheiro para fazer as obras. Além disso grande parte dessa dívida é de dois anos atrás, quando ninguém pensava entrar nesse colapso que entramos”.

Ele prefere chamar de “sobre imaginação” o superdimensionamento administrativo feito pelo Governo na implantação de grandes obras, e ao comentá-las é até irônico: “O Brasil é um país formidável. Construiu dois metros de uma vez só; a Ferrovia do Aço; o Programa Nuclear; fez a expansão das siderúrgicas; e duas grandes hidrelétricas (Itaipu e Tucuruí). São obras de retorno a médio e longo prazos.”



Parker acredita em sério agravamento da situação econômica do